



CABEÇA ARTISTICA—(Quadro a pastel pela sr.^a D. Philomena Freitas)

N.º 268 Lisboa, 10 de Abril de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAHNA:

Anno. 4\$800—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MULLHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOURET CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão RUA DO SÉCULO, 43



Vestidos bordados

COM VERDADEIRO BORDADO SUISSO

Vestidos bordados em Batiste, Voile, Toile, Shantung, Pongée, Tulle, Chifon, Crêpe de Chine, desde fr. 17,50. Blusas bordadas em Batiste, Nansouc, Toile, Lã, Cachemire, Japonais, Crêpe de Chine, desde fr. 8,50, franco de porte no domicilio.

Peçam as amostras e os figurinos

Schweizer & C.º, Lucerne A 22 (Suissa)

EXPORTAÇÃO DE BORDADOS E SEDAS

Os Agentes em Portugal
REEMBOLSAM O DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado
na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
empregando o
XAROPÉ FAMEL

PARIS
86, Rue de la Réunion
PREÇO: 500 REIS
Franco de porta em todo o Portugal por fr. 2 francos.

DEPOSITO GERAL
15. RUA DOS SAPATEIROS
LISBOA

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

rianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de tórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes. Escripatorios e depositos:

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276 PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Enaereço telegraphico em Lisboa e Porto: Companhia Prado Numero telephonic: Lisboa, 605 — Porto, 117

CAPITAL	
Acções	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação ..	266.400\$000
Reis ..	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maria d'Hermio (Louzã), Valle Maior

COMPREM Foulard Seda SUISSA

Peçam as amostras das nossas Sedas Nouveautés de primavera e de verao para vestidos e blusas:

Foulards, Voile, Crêpe de Chine, Chifon, Cachemire, Eolienne, Mousseline 120 cm. de largo desde fr. 1,25 o metro, em preto, branco e cor assim como as blusas e os vestidos bordados em «batiste», lã, «toile» e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas, directamente aos particulares e francas de porte a domicilio.

Schweizer & C.º
Lucerne E 12 (Suissa)
EXPORTAÇÃO DE SEDAS

PARA ENCADERNAR

Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o **SEGUNDO SEMESTRE DE 1910** da «Ilustração Portuguesa». Preço 360 réis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Enviaem-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia póde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

Administração do SECULO

LISBOA

COMO NOS DEVEMOS ALIMENTAR

POR MADAME SELDA POTOCKA

O MELHOR REGIMEN ALIMENTAR PARA O PROLONGAMENTO DA VIDA

(Continuação do numero anterior)

Tendo exposto os principios de hygiene alimentar que devem presidir á confecção da primeira refeição da manhã, devemos dizer que a distribuição das diversas refeições do dia, para corresponder de um modo efficaz ás exigencias de um regimen saudavel, deve ser a seguinte:

moda, muito mais que as exigencias da vida, modificou prejudicialmente nas cidades. Nada menos racional sob o ponto de vista da hygiene do que a deslocação para a noite da principal refeição do dia alimentar. O trabalho digestivo requer uma boa disposição organica. Um orga-



O lunch de Mademoiselle Diéterle no seu camarim do theatro das Variedades, de Paris

1.ª refeição (almoço), pela manhã, antes de principiar o trabalho: das 7 ás 9 horas.

2.ª refeição (jantar), no meio do dia: das 12 ás 2 da tarde.

3.ª refeição (ceia), ao fim do trabalho: das 6 ás 8 da noite.

Não se dirá que na distribuição d'este horario ha motivo para surpresas. Pelo contrario. E' o horario observado tradicionalmente na familia portugueza da provincia e que a

nismo fatigado digere mal e assimila peor.

E' na refeição do meio-dia que devem intervir a carne ou o peixe. O jantar será a refeição em que os alimentos azotados terão a preponderancia. Convém, porém, ter sempre presente que a ração quotidiana de um adulto de actividade moderada não deve ir muito além de 2:000 calorias. Como toda a gente sabe, a caloria representa a quantidade de

calor necessaria para elevar a 1 grau centigrado a temperatura de 1 litro de agua.

Quando dizemos que a ração quotidiana de um adulto é de 2:000 calorias, isso significa que, queimada, produziria a quantidade de calor capaz de elevar de 0 a 1 grau um volume de 2:000 litros de agua.

Tomando por base essa necessidade normal de ingerir diariamente o alimento representativo de 2:000 calorias, é indispensavel que a mãe de familia e a dona de casa saibam que 250 grammas de leite com assucar

calorias necessarias a um adulto:

500 grammas de leite com assucar (1/2 litro)	440 calorias
150 grammas de pão ..	300 »
80 » » arroz ..	200 »
2 ovos quentes	150 »
150 grammas de carne ..	370 »
200 » » sala-da de alface	90 »
200 grammas de fructa ..	120 »
80 » » batata ..	160 »
1 chavena de café ..	80 »

Total 2:000 calorias



A' hora do janta' n'um restaurante ao ar livre em Montmartre

valem 220 calorias, que 100 grammas de pão representam 260 calorias, que um prato de salada tem a equivalencia de 90 calorias, que um prato de arroz corresponde a 200 calorias, que 80 grammas de carne valem as mesmas 200 calorias, 100 grammas de peixe 160, e 2 ovos quentes 150.

As seguintes quantidades de alimento bastam para attingir as 2:000

A distribuição d'estes alimentos por tres refeições dá para cada uma d'ellas um volume pouco consideravel e entretanto elle representa o necessario á reparação dos tecidos e á compensação do trabalho diariamente dispendido pelos musculos e pelo cerebro.

Não faltará quem d'isto se admire. E' que as verdades sorprendem muitas vezes mais do que as mentiras.

Condição essencial para que o alimento forneça ao organismo o maximo das suas propriedades nutritivas é porém de que o não deteriorem ao cosinhá-lo. O fogão não serve, inumeras vezes, senão para destruir ou desvalorisar o alimento.

Na confecção do jantar devem entrar:

Um prato de carne (assada ou grelhada) ou de peixe (de preferencia cosido)

Um prato de vegetaes frescos (ervilhas, nabos, cenouras, alface, couves de Bruxelles, couve-flór, etc).

80 a 100 grammas de pão.

80 grammas de batata, arroz ou outro cereal

150 grammas de fructa.

A sopa é mais nociva do que substancial. Está provado que o caldo

de carne excita pelas toxinas que encerra e que na sopa a que se juntam vegetaes estes perdem na cozedura todas ou quasi todas as suas preciosas propriedades mineraes. A sopa é pois dispensavel.

A refeição da noite será composta de alimentos de facil digestão, extremamente sobria. D'ella devem ser banidos todos os alimentos intoxicantes. E' preciso que o somno encontre o organismo em repouso, que todo o trabalho digestivo esteja concluido na hora em que se dorme.

Cereaes com leite, alguma salada de legumes temperada com azeite e summo de limão, ovos quentes ou creme — com estes elementos se podem combinar os *menus* frugaes de uma ceia hygienica.

A mulher que adopte este regimen saudavel não poderá queixar-se mais de que os cuidados exigidos pela alimentação da sua familia lhe tomam a parte mais consideravel dos seus dias. A sua escravidão terá cesado. No dia em que o seu marido reconheça as vantagens d'este regimen, ella encontrará tempo para sahir com os seus filhos, fazer exercicio, retemperar-se ao ar livre. A casa não será mais a sua prisão e a cosinha não será mais o seu pesadello. A ella deve pertencer a iniciativa d'esta reforma salutar. E' preciso que ella se compenetre d'esta verdade de que comer pouco é poupar o organismo e comer muito é gastar-o prematuramente.

E' ella quem deve ser o apostolo d'esta doutrina benemerita, que não só a redime das obrigações mais vulgares da sua tarefa domestica, como lhe garante a saude e a pro-

longação da vida ao seu marido e aos seus filhos.

No dia em que estes principios, hoje preconizados por todos os hygienistas, tenham entrado em todos os lares, a lucta pelo pão será muito menos aspera, a vida domestica será muito mais suave.

E' a mulher que compete preparar essa futura geração de homens saudaveis e sobrios, para quem os prazeres da meza não constituam delictos puniveis pela doenca; é ás esposas que compete alliviar as des-



N'uma casa de chá para senhoras, em Paris

pezas inuteis e nocivas do orçamento domestico pela simplificação do regimen alimentar; é ás mães que compete zelar a saude dos filhos, dando-lhes no alimento o germen da longevidade e da força e não os germens da enfermidade e da velhice precoce.

Selda Potocka.



A Obra de uma Artista Amadora

O Salão da *Illustração Portuguesa* vae abrir-se dentro em pouco para uma exposição de trabalhos d'alumnas da distinctissima professora de pintura e conhecida artista D. Emilia Santos Braga.

Ella mesma discipula de Mafhõa — uma das mais



D. Philomena Freitas
(Cliché da phot. Vasques)

essa grande maneira de executar como o publico terá occasião de vêr nos trabalhos que serão expostos no nosso Salão.

Tendencias manifestadas para a arte recebem no seu *atelier* as lições do seu saber e assim vemos que as

legitimas glorias da nossa terra — honra o mestre. Sente-se sob a palleta d'aquella artista uma tendencia para pintar as bellas carnes femininas, os formosos rostos, as expressões suaves, as graças da mulher, as lindas cabeças onde palpita bem expressiva a belleza.

Os seus quadros são quasi todos assim, retratos ou nudezas, carnes que parecem palpitar, uma obra toda de delicadeza, onde ha colorido, mimo, encanto.

Um dos seus trabalhos que não enfileira n'esta serie tem tambem a mancha d'uma grande arte: Chama-se *Anciedade* e com effeito n'elle se vê um rosto de mulher onde vive a ancia nervosa enquadrada na magnificencia dos seus cabelos.

A illustre professora parece transmittir ás suas discipulas



provas das suas alumnas se impõem d'uma maneira agradável sempre e as de algumas d'uma forma que surprehende.

Entre as mais distinctas discipulas da sr.^a D. Emilia Santos Braga está a sr.^a D. Philomena Freitas cujos trabalhos apreciáveis publicamos n'esta primeira noticia da exposição que em breve se vae realisar.

Ha a admirar na distincta amadora sobretudo a maneira rapida como trabalha os seus quadros e as notas de realidade que lhes imprime. N'um tempo em que existe o culto do bizarro na litteratura como na pintura, em que ha quasi a religião do exotismo, das cousas feitas para dar na vista mais como um alarde de reclamo do que propriamente como honesta manifestação artistica, quando apparece alguem tratando com verdade os assumptos devemos deter-nos diante d'elle a incitar-lhe as facultades.

Se não é possível a um artista dar uma nota verdadeiramente pessoal ao seu trabalho, se não creou uma côr typica, um traço seu, uma maneira de fazer resahir figuras a ponto de sem vermos



a assignatura conhecemos o auctor, pelo menos deve trilhar esse caminho da verdade das cousas que impressiona sempre mais do que todas as bizarras de mau gosto.

Essa nota verdadeira é o que resalta na obra já vasta da sr.^a D. Philomena Freitas. Pintando flôres ha nas petalas o tom natural, pintando fructas encontra-se a exacta coloração das cascas e das folhas, essas cousas sempre difficeis de apresentar d'uma forma impressionante. Pintando animaes encontra-se n'elles o movimento natural como n'um pequenino quadro onde uos quatro ou cinco coelhos vão roendo as suas folhas de couve.



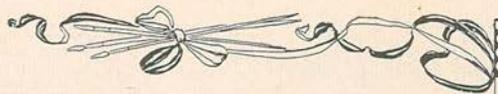


prende, nas bem acabadas physionomias. Tem muitos quadros assim. Mulheres que parecem resahir na tela, reproduções exactissimas ás quaes emprestou o seu cunho d'arte, cabeças que se mostram na luz mais propria, boccas que sorriem docemente; creanças que marcam nos rostosinhos alguma coisa de caricioso, e tem nas pelles o tom proprio que a distincta amadora soube bem fielmente reproduzir.

São bem assim aquelles animaes em repasto, as orelhas hirtas, os olhos vivos, comendo com uma especie de receio de que os venham agarrar, sempre attentos para uma fuga. Isso conseguiu a distincta amadora marcar no seu quadrinho.

Mas onde ella é bem pessoal, onde resalta o seu talento é nas telas onde pinta cabeças de mulher ou de creanças. Ha tanta suavidade na coloração dos rostos, nas suas expressões, na luz do olhar, tanta delicadeza nos tons e uma nota tão artistica n'aquelles traços que o nosso o'har se detem, se





Trabalhando activamente, dedicando-se com um grande amor a essa arte no seu atelier improvisado vae cuidando de dia para dia mais os seus trabalhos, preferindo e com razão reproduzir esses formosos e insinuantes rostos femininos que o publico vae ter occasião de apreciar, justamente com os trabalhos das suas condiscipulas, na proxima exposiçao que será installada no salão d'esta revista onde



tantas outras se tem feito sempre com um exito que merecem as obras dos artistas que temos acolhido.

Dos trabalhos tambem interessantissimos, das outras discipulas da sr.^{ta} D. Emilia Santos Braga e que são as sr.^{tas} D. Sarah Bramão, D. Alda Santos, D. Etelvina Santos e Silva, e D. Rita dos Santos e Silva, trataremos no proximo numero como é de toda a justiça.



O rapto d'Europa (cópia d'um quadro antigo)—(Clíchés de Benoît)

A REVISTA AGULHA EM PALHEIRO NO THEATRO APOLLO

A revista é cultivada por muita gente em Portugal. Em cada canto apparece um revisteiro; em cada theatro, em cada animatographo, em cada casino surge uma revista. Ultimamente, foram um fracasso na sua maioria talvez mercê do ambiente, talvez pelos excessivos rigores da policia do antigo regimen.

Com a *Agulha em Palheiro* não succedem assim. Os seus auctores



2—Dá cá uma pistola
3.º quadro do 1.º acto
3—Projectos das bandeiras
2.º quadro
do segundo acto

a revista ao publico que vae enchendo o theatro Apollo.

Depois junta-se á execução do scenario tratado com cuidados, os vestuarios luxuosos, sobretudo no quadro das bandeiras que é d'um magnifico effeito.



1—Portuguezes á chegada
1.º quadro do 1.º acto
(Clichés da Photographia
Fernandes)

experimentados n'este genero de theatro conseguiram encher de graça, com desenvoltura e ligeireza, aquelles tres actos que decorrem entre gargalhadas.

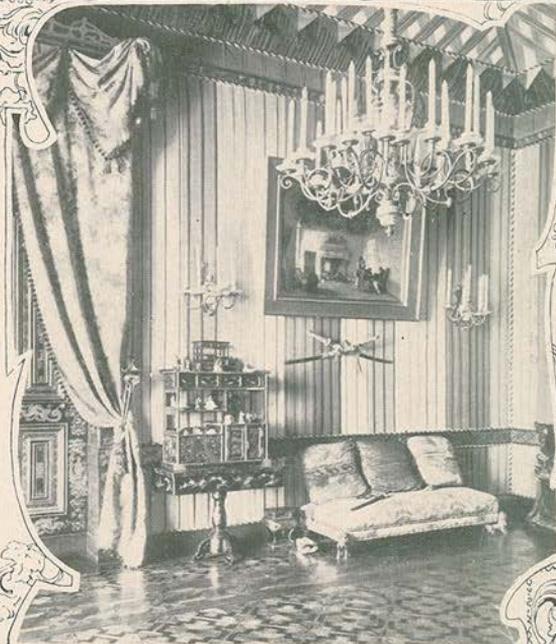
Foram aproveitadas felizmente as scenas grotescas, criticadas com humor os factos, expostas as situações de fórma que dão surpresas e impõem



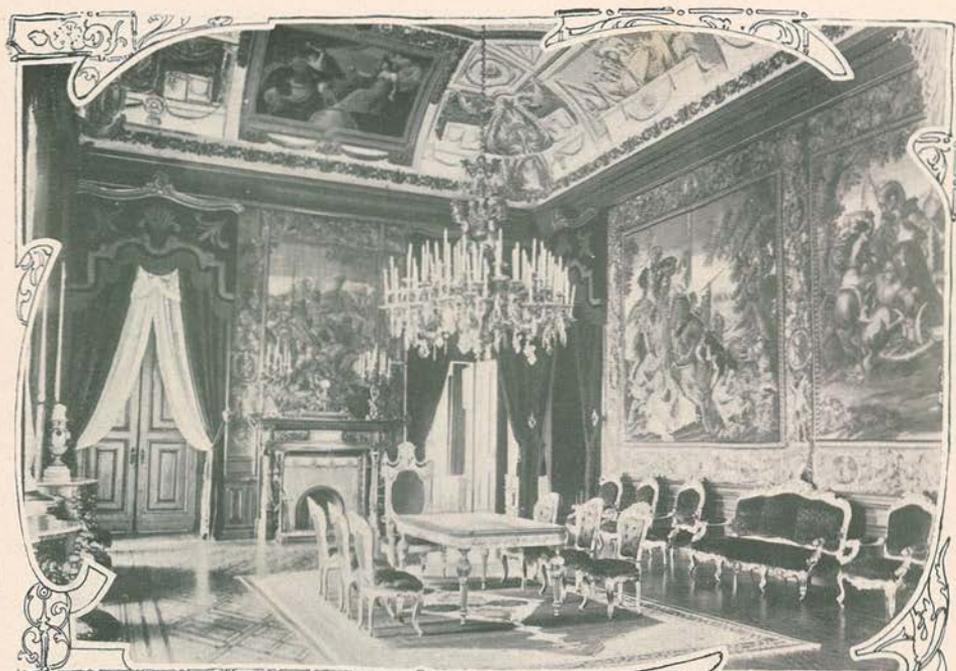
ATRAVÉS · DOS · SALÕES · DESERTOS · DA · AJUDA...

O sumptuoso é frio. Não tem carícias, não tem delicadezas. Se o sol lhe bate deslumbra; na sombra é mais triste do que um casobre nu. Mal se compreende uma vida de família moderna dentro da sumptuosidade; o confortavel desaparece sob as cousas d'esse grande tom em que ha notas de templo, de teatro, de museu

Um palacio real, visto como agora o d'Ajuda, com as suas salas desertas, dá d'uma fórma desoladora essa extranha impressão. No topo do seu morro faisca á soalheira, domina os telhados vermelhos da Boa Hora, Alcolena e Belem, os lares que se adivinham com as suas chaminés fumegando, indicando a vida que elle não tem, nem



1—A sala chineza 2—A ante-sala do Despacho



mesmo essa existência artificial das côrtes na gelida atmosphera do sumptuoso.

Sobem-se uns degraus de pedra; entra-se na sala dos archeiros onde ainda luzem alabardas no seu descanso junto da parede; olham-se os medalhões com barretinas, espadas, plumas, attributos do cerimonial e da força e evoca-se sem querer um rei a fugir na onda de todos os fardalhões variegados ante um bando roto de francezes.

Depois é a sala do porteiro da canna com os seus razes e segue-se a de espera de cujos tectos pendem lustres maravilhosos, onde ha jarras preciosas da India mandadas collocar ali ha pouco pelo novo intendente dos paços, defronte das estatuas de marmore de Sichinalfi e Fantachiotto, artistas italianos a quem a rainha Maria Pia as encomendou n'uma das suas visitas á Italia.

Uma mendiga assignada Dupré, com a sua conca aos pés, a mão estendida, é uma evocação da miseria n'aquelle scenario pomposo, onde a realza viveu.



1—A sala do Despacho 2—A sala de carvalho



Mesmo no marmore, a victima, não fica bem com o resto, não diz senão revoltas diante das preciosidades, como um D. Sebastião, de Simões d'Almeida, relembra a aventura, o fim de uma dynastia ousada, brava, iniciada com grandeza, finalisada na vergonha.

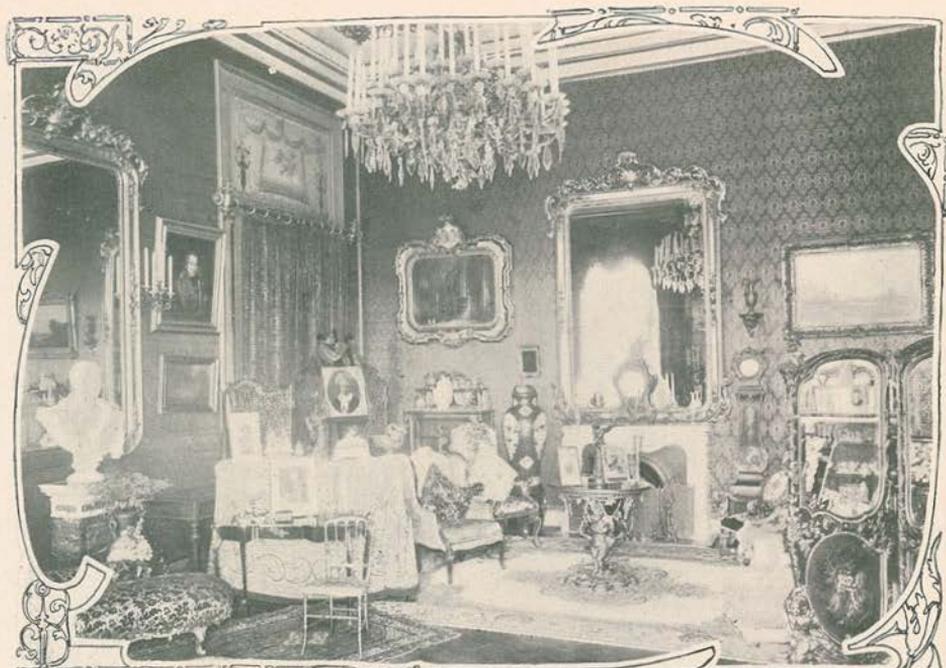
Que estaria a fazer ali aquelle D. Sebastião ?!

Não recordava, decerto, o que elle symbolisou durante tanto tempo para o povo: a esperança d'um dia de glorias e de epopeias sob um sceptro real. Era apenas a obra muda, bem rei d'aventura, que foi começar a perder Portugal nos areas d'Alcacer, á frente de legiões fidalgas e brilhantes

A casa dos Cães, pequenino e encantador aposento, deve o seu nome, talvez, a um grupo d'aquelles animaes, em bronze, que descança n'um *console*, ou, o mais provavel, ás allegorias da tecto.

São episodios de caçadas onde corças tranquillas, d'um colorido suave, parecem não dar pela matilha que se approxima, galgos

1—A sala do retrato 2—A sala do Saxe



A sala verde,
da serie dos aposentos da rainha
D. Maria Pia

esfuziados passando por entre emblemas venatorios n'uma carreira louca. Naturalmente tudo aquillo serviu outr'ora n'algum pavilhão de caça; adivinha-se que os reis, n'aquella decoração, descaçaram no intervalo das batidas, quando as caçadas reaes eram feitas com aquelle ceremonial que as edades apagaram deixando como unica recordação de tanta pompa a farda verde do monteiro-mór, agora inutil como as corôas reaes, as commendas, os attributos do velho regimen, recordações de historia que parecem ser já d'um passado bem mais longinquo.

Na casa assim decorada esperaram tambem n'outros tempos, quando o rei Luiz habitava o paço, os ministros antes de entrarem na vasta sala do Despacho—a ultima do rez do chão—sob a torre alta que deita para os jardins. Talvez que o soberano nos dias de agitação falasse aos seus presidentes



A sala D. João IV

do conselho n'aquelle recinto pequenino, onde a voz não se perde, a dizer-lhes os seus cuidados da governação, os receios de perturbar a quieta tranquillidade da sua vida de burguez coroado.

Mas o outro salão—o do Despacho—parece ser uma casa cheia de cumplicidades. E' a mais official de todas, a mais decorativa. Não se encontra n'aquelle pavimento do paço d'Ajuda, outro onde tanto se recorde a realza, onde prepassse mais accentuadamente o sopro d'uma vida velha. Evocar uma epoca de constitucionalismo, n'aquelle logar é mais do que um acaso: é uma necessidade. Aos nossos olhos surgem as figuras dos ministros que ali se reuniram com o rei Luiz, e póde dizer-se que as paredes altas d'aquelle casa



1—O grande panno de Arrás chamado da Restauração, na sala D. João IV
2—Uma das salas do primeiro pavimento do palacio



1—A sala do corpo diplomático ou dos Tavoras
2—Um trecho da sala da ceia

ouviram as mais graves questões da historia contemporanea portugueza.

Emquanto nas ruas se c'amava diante da questão de Lourenço Marques, quando o povo se agitava, nos dias em que se embaraçava a situação politica, ali se juntavam os ministros, aguardando as decisões do soberano.

Ha um luxo de dourados e carmezens nas cadeiras d'espaldada, no espelho enorme que tapa um dos razes preciosos das guernas de Alexandre, que forram toda a sala, na meza tambem pomposa, nos mais pequenas nadas. As janellas amplas, rasgadas, abrem para a baluastrada, esgarçam-se para o panorama alegre dos logarejos visinhos; um pesado fogão defronta o enorme espelho e os grandes e pesados reposteiros cahem para abafarem ainda os segredos dos conselhos de ministros como se tivessem ficado no espaço.

Pensa-se em Fontes com o seu bigode cahido, os seus olhos vivos; em Marianno de Carvalho, mettido na sua farda, discutindo com o rei após aquelles artigos



O palacio

da Ajuda

celebres que o levaram ao ministerio e sem se saber porque a figura de D Luiz, obeso, de bom sorriso, um ar pachorrento surge de braço dado com esse ministro, talvez a leval-o para os aposentos intimos para o castigar da sua prosa caustica com os sons horripilantes da sua arripiadora e real rebecca.

Deante das janellas avultam tres bustos: um é de uma mulher joven, uma rapariga quasi, tem na cabeça linda uma corôa, veste um traço de côrte. E' a rainha Maria Pia, na sua chegada a Lisboa, por Santo Varin. O outro busto, do mesmo auctor, é o de Victor Manuel, n'um ar altivo, o peito bombeado, o grande bigode, a enorme pera, dando-lhe um ar extranho, sendo bem o batalhador, o rude, mais tudesco que italiano na guerra, mas no fim o *galantuomo* que sabia sorrir e sabia amar. Lá ao canto está D. Pedro V, aquelle a quem sempre retrataram com um ar melancolico que era bem seu, como se tivesse saudade de um passado desconhecido, principe de Aviz extraviado na casa de Bragança, como lhe chamou Alexandre Herculano.

Naquelle quadro de sêda carmezim e ouro, deante do rio, olhando o sol que inunda tudo julga-se ainda ouvir no largo o rodar das carruagens que levavam para as recepções toda essa gente official, na sua maioria morta ou desaparecida da scena com a queda do regimen e uma pergunta acode persurosa aos labios:

—Que se vae fazer agora d'esse enorme palacio cujo rez-do-chão leva um dia a visitar?!

Por toda a parte o silencio é lugubre; é um deserto que se atravessa, um scenario mudo onde tantas vozes outr'ora soaram e não vêm nada de saudoso de tudo aquillo, apenas uma grande curiosidade se apossa de nós, a vontade de saber os segredos da residencia que todos os objectos ali existentes escutaram desde as musicas dos dias de gala aos discursos dos ministros, desde os beijos de um

noivado real aos deliquios da rainha Maria Pia n'estes ultimos tempos em que os abalos nervosos a tomaram e faziam uma invalida d'essa outr'ora linda princeza que sorri no seu marmore branco, com espaldas de virgem, na grande sala do Despacho.



A última moradora da Ajuda, a rainha D. Maria Pia

(Cliché de Bobone)



Na sala da Talla, algumas commodas antigas e a grande jarra oferecida por Napoleão III, na sala da Musica, objectos de arte e as estantes atulhadas de livros de historia, Guizot e Cantu, Thiers e Galdós, esse ousado escriptor dos *Episodios Nacionales*. São elles que, n'uma luxuosa edição, recordam as victorias do povo sobre os reis na moradia real.

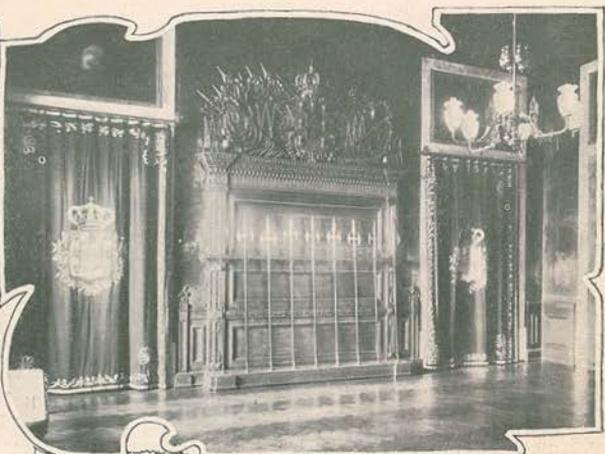
Lá para o fim, os aposentos privados onde ainda se anda fazendo o arrolamento, os quartos da rainha, onde se vão, talvez, inventariando vestidos e joias, que se mostraram nas solemnes recepções nos dias em que a cõrte empavesada, ia curvar-se diante do throno agora derrubado.

E a mesma pergunta acode aos nossos labios na frieza das coisas sumptuosas:

—Que se vae fazer d'aquelle grande palacio, collocado além no topo do morro, fronteiro ao Tejo e em cuja fachada fluctua a bandeira encarnada e verde da Republica a indicar o fim da dynastia?!

A residencia presidencial, uma Universidade, um Museu?!

R M



1—A sala dos archeiros 2—A sala elliptica
(Clichés de Benollet)

O ANNO NOVO HINDU



Chegou para os hindús, com abril, o anno novo. E' o dia da grande festa; o da previsão do futuro. Homens e mulheres, com os seus mais lindos trajos d'um branco immaculado correm para a beira dos rios a mirar-se no espelho das aguas calmas. Foram cem milhões de individuos espalhados pela Asia, falando o antigo sanscrito e seguindo os ritos, que ha dias celebraram o anno de Bikami a Delhi, de Agra a Benarés, por toda a parte central da India: do Norte, em festividades religiosas e tradicionaes.



1—Uma familia de Malabares
2—O dia d'Anno Novo dos Mayalis



Capitão João Correia dos Santos auctor dos compendios de Chimica actualmente approvados

CAPITÃO CORREIA DOS SANTOS. — Professor do Collegio Militar, jornalista, distincto official do estado-maior, o capitão Correia dos Santos acaba de publicar dois volumes intitulados *Manipulações de Chimica* que foram approvados para o ensino secundario.

Estes trabalhos são escriptos com uma grande simplicidade e constituem um magnifico auxilio para os estudantes.



Dr. Egas Moniz votado por aclamação lente da Escola Medica de Lisboa

DR. EGAS MONIZ. — O conselho de professores da Escola Medica de Lisboa acaba de votar a entrada do sr. dr. Egas Moniz para o corpo docente d'aquelle estabelecimento de ensino.

O illustre professor da Universidade de Coimbra, cuja proficiencia está sobejamente affirmada, vae reger a cadeira de doenças nervosas, vaga pela morte do sr. dr. Miguel Bombarda.



O sr. dr. Antonio Osorio dando as provas do seu concurso para a cadeira de Economia Politica na Escola Polytechnica (Cliché de Benoitet)

FIGURAS E FACTOS



OS NAUFRAGOS
DA *BULTHESHIRE*—
Chegaram a Lisboa em
30 de março os naufragos
d'esta barca que foram
recolhidos pelo vapor
inglez *Ardeola* ao
norte do golpho
de Biscaya.

- 1—Os naufragos da barca «Bultheshire»
- 2—A chegada a Lisboa do ultimo contingente caçadores que esteve no Funchal durante o cholera
- 3—A chegada ao Funchal do novo governador civil sr. dr. Manuel Martins

(Clichés do sr. Fernando A. Camara)



A OBRA REFORMADORA DA REPUBLICA. O REGISTO CIVIL OBRIGATORIO.

Foi posta em vigor a lei do registo civil obrigatorio.

O governo da Republica deu essa satisfacão á opiniao liberal. A igreja é agora facultativa para a realizacão dos registos dos casamentos, nascimentos e obitos cuja escripturacao fica inteiramente entregue á administracão civil. Em França, ainda antes da separacão



Candido dos Reis e Miguel Bombarda.

Associações liberaes, delegações de varias collectividades e officiaes revolucionarios ouviram diversos oradores enaltecer essa obra que ha muito se reclamava e que foi recebida com um grande enthusiasmo.



da igreja do Estado, já era nas *mairies* que se faziam esses registos; em Portugal pela lei promulgada pelo ministro da justiça succedeu já o mesmo.

Afim de celebrar a entrada em vigor d'esse decreto a Associação do Registo Civil, realisou no Colyseu dos Recreios uma sessão solemne que foi tão concorrida como a de dias antes em homenagem á memoria de



1 e 2—Aspectos do cortejo do Registo Civil ao passar na rua da Palma
3—Aspecto do Colyseu da rua da Palma, durante a solemnnidade commemorativa da entrada em vigor do registo civil obrigatorio

DESCANÇO SEMANAL

A MANIFESTAÇÃO DOS OPERARIOS PANIFICADORES

Os operarios da panificação celebraram em domingo 2 de abril a lei do descanso semanal indo n'uma grande manifestação agradecer ao ministro do Interior a promulgação do decreto. Muitos padeiros, com uma banda de musica, aguardaram no Terreiro do Paço, soltando vivas, a volta da com-

missão que fôra cumprimentar o ministro.



- 1—Os manifestantes no Terreiro do Paço.
- 2—Aguardando a comissão que foi saudar o ministro do Interior.
- 3—A chegada da comissão (Claches de Benolli).

missão que fôra cumprimentar o ministro.



FIGURAS E FACTOS



1—A distribuição de premios no asylo D. Pedro V no Campo Grande 2—A sessão solemne

Realisou-se em 2 de abril a distribuição dos premios aos alumnos do antigo asylo D. Pedro V no Campo Grande sendo de seguida plantadas duas palmeiras entre manifestações entusiasticas das creanças.



3—A inauguração da sala de leitura infantil na Bibliotheca Nacional de Lisboa (Cliches de Benoitel)

A SALA INFANTIL DA BIBLIOTHECA. — Na Bibliotheca Nacional de Lisboa foi inaugurada, pelo novo regulamento, uma sala destinada ás creanças fazerem as suas leituras presidindo a esse acto duas bibliothecarias recentemente nomeadas.



Poesia Feminina

Muitas pessoas da nossa sociedade,
têm, nestes últimos tempos, ido fixar
a sua residência no estrangeiro
(Das Jornaes)



José Brito
1910



ELLE - Então U^{ssa} ^{cia} Também vai viver para o estrangeiro ?..

ELLA - Vou. Vou para Nice, essa terra encantadora onde o céu é sempre
lindo e o sol é sempre azul ...

OS PORTUGUEZES NO BRAZIL

O HOSPITAL PORTUGUEZ DA BAHIA

O Hospital Portuguez da Bahia é um dos melhores estabelecimentos fundados pela nossa colonia d'aquella cidade da grande republica. Situado n'um ponto magnifico, tendo um grande ar de sumptuosidade, avistando-se dos seus terra-



1—Edifício do hospital

ços um panorama maravilhoso é um lugar onde os necessitados portuguezes recebem o maior acolho, a mais disvelada protecção dispensada pelos nossos compatriotas residentes na Bahia.

2 e 3—Os terraços do hospital
(Cliches do photographo amador sr. Galvão)

UMA CAÇADA AOS LEÕES NA ZAMBEZIA.



O leão!...
Tartarin na noite, n'aquelle descampado argeliano, espreitava o vulto da fera, o nobre animal, d'olhos em fogo e juba eriçada.

—Pam-pam!
Julgou ouvir um rugido, ficou tremulo, segurando nervosamente a espingarda e o revólver. Pelamanhã, seguindo cautelosamente um rasto de sangue, ouviu o berreiro ensurdecedor d'uma argelina que o amaldiçoava entre uma plantação de couves.



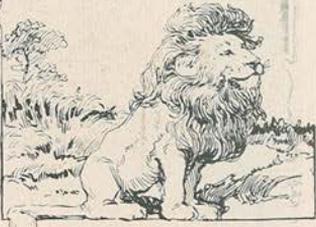
—Porque?!... Tartarin, julgando alvejar um leão, matára o jumento da argelina.

Caçar o leão é um sonho; foi o do pobre Tarasconez, foi o de todos nós. Na infancia, rara é creança que não se imagina no matagal, d'arma assestada, caçador de feras ou Robison. Com a idade já nem os sonhos recordam. Uma impressão que não se apagará jámais da memoria sera a da caçada ao leão a valer, as horas d'espera no matto, o apparecimento do animal, os seus olhos que luzem, as suas narinas que farejam.



Essa impressão tem-na sentido varias vezes o colonial sr. Gavicho de Lacerda, que de companhia com o gerente da Sociedade de Madol, um suíço arrojado, de pontaria certa como o seu patriota Guilherme Tell, se dedica com

1—O caçador e o animal depois da caçada
2—A volta da caçada
3—Os negros e as presas



verdadeiro prazer á caça do leão nas selvas do Malundo.

Correu a noticia que um bando de leões andava no prazo; tinham visto o seu rasto, os signaes evidentes da passagem; de noite escutavam-se rugidos longinquo e dentro em pouco a população começava a ser dizimada pelos assaltos das feras. Ordenou-se a mudança de centenas de colonos mas era necessario destruir as feras. O gerente de Madol, Victor Linder, partiu com as suas munições, com a sua espingarda, com o seu sequito de negros e durante um mez, dia a dia, dedicou-se a essa caçada.

Pam-pam.

Mas não lhe succedia como a Tartarin; os leões cahiam sob as suas balas, ficavam prostrados, a linda pelle furada, debatendo-se na agonia no meio do capim. O suíço continuava, todavia, a espio-



1—O caçador no regresso
2 e 3— Aspectos do fim da caçada

nal-os; uma tarde foi encontrar um leão, tendo nas garras um colono. Fez a sua pontaria, alvejou a fera que estrebuchou largando a presa.

O homem salvou-se, e, com aquelle animal, completou-se a conta de doze, da especie que o sr. Victor Linder matou durante aquelle mez.

Parece uma proeza de Jules Gerard, e é, realmente, um facto, tão authenticico como os do illustre caçador de leões, succedido nas terras vastas da Zambezia, como se comprova com as photographias que se enquadram n'esta narrativa





pelos rincões provincianos entre os milharedos, com o grão tão basto nos seus quadros de folhas a azularem no terreno, com as batatas que se multiplicam n'uma enorme facilidade.

Quanto custaria em Portugal uma alface se para a obter fôsse necessario empregar todos os extranhos cuidados que se lhe dedica em França? Naturalmente teria o preço louco dos anazes para nós considerados como fructa inatingivel quando as nossas ilhas tão abundantemente os produzem.

um tostão por uma maçã! Um tostão por uma fructa de que Portugal é bem rico! E é assim com tudo, com as couves verdes dos hortejos, com o feijão que se planta



1—O tratamento diario 2—Alfaces cuidadas com mais mimo do que se fossem rosas
(Clichés Delius)

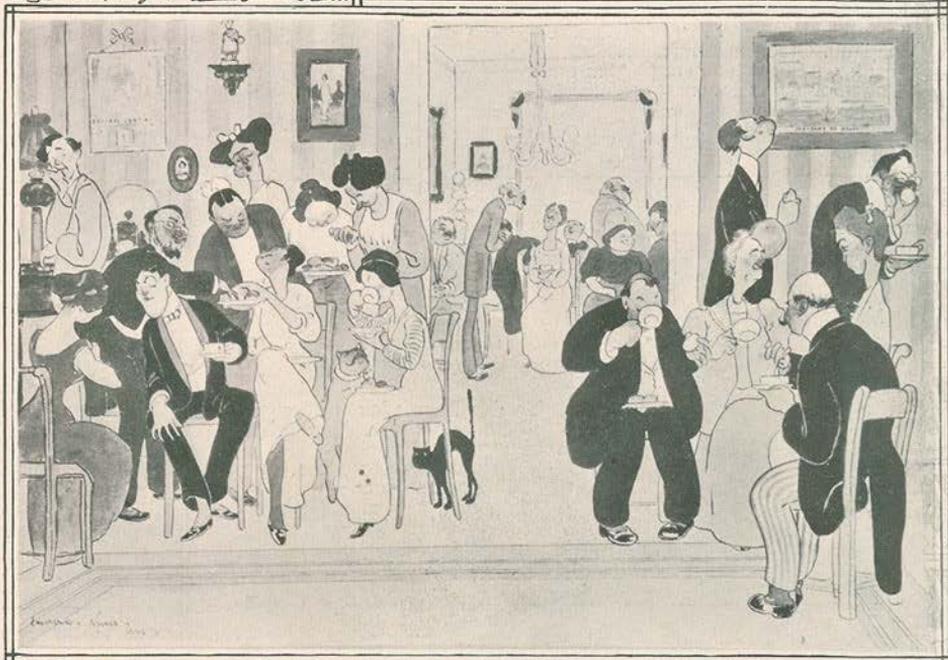
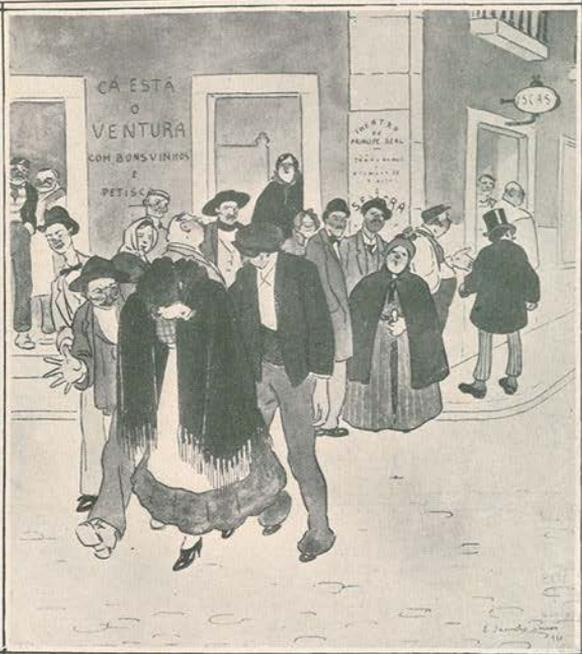
ARTISTAS NOVOS

A EXPOSIÇÃO NO SALÃO BOBONE

A pintura livre foi uma formula arranjada para lançar um protesto ás escolas officiaes, aos academismos e classicismos, a todas as cousas antigas, dogmatisadas e consagradas. Como em todas as revoluções foi a França que primeiro lançou o brado da rebeldia. Viram-se então os artistas de longas cabelleiras, os refractarios, com os fatos mais extravagantes, os chapéus mais curiosos, passando nas ruas de Paris, n'uma bohemia forçada, a mente devorada por um sonho, o estomago devorado pela fome.

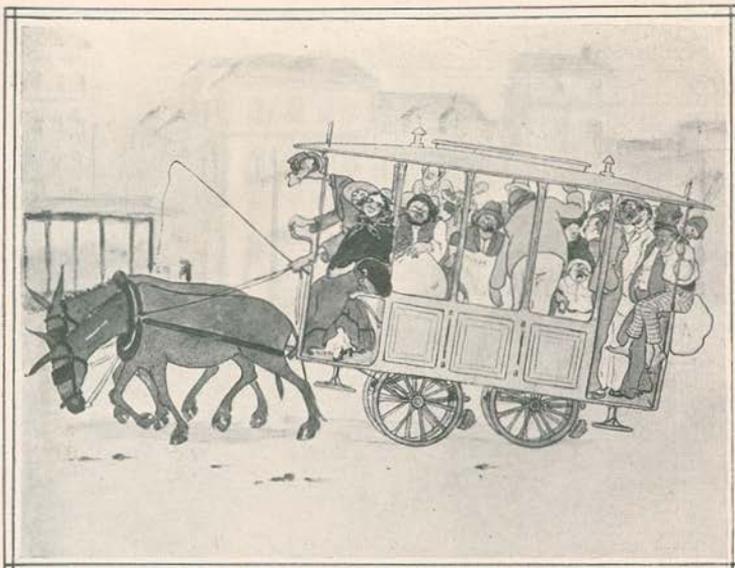
—Tudo menos pintar dentro das regras!..

Assim viveram durante annos, sem dinheiro para alugarem



1—«Se viros a mulher perdida
«Não a trataes com desdem... (Caricatura de Emmerico Nunes)

2—O chá em casa das Pires (Caricatura de Emmerico Nunes)



em que se preten-
de impor escolas,
processos, manei-
ras, sem contudo
se attingir nunca
a intensidade de
batalha que houve
no periodo da lu-
cta do grande Ma-
net.

O proprio Sa-



moradas, cheios de frio, de fadiga, alguns esperando o Instituto e obtendo apenas uma cama numerada no Hotel Dieu. O mais illustre d'esses irreverentes, d'esses refractarios, artista revoltado, da bizzaria e do tumulto, cheio de talento e cheio de rebeldia, foi Manet, a quem Zola fez o maior dos elogios e cuja figura desenhou com o seu grande traço d'observador. Manet, na sua revolta triumphou. Creou uma maneira.

Mas quantos não succumbem por um que triumphou. Vêmol-os passar nas paginas da *L'Oeuvre*, sempre o mesmo bando de alucinados, esculptores sem atelier, pintores sem tintas, architectos sem um burguez que lhes encomende o

mais pequeno galinheiro. Claude Lantier é a personificação do revoltado vencido, como Manet é a realidade do rebelde vencedor.

Depois de elle, muitas vezes se tem tentado as exposições d'arte livre,



A Republica Portu-
guezua



1—O carro do Chora (caricatura
de Emmerico Nunes

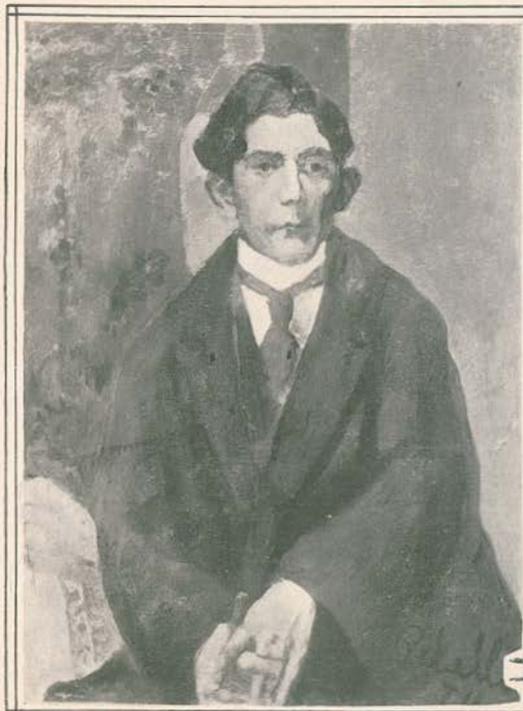
lão dos Recusados em França, só conseguiu um ruido de risadas.

A exposição agora aberta na photographia Bobone, parece ser tambem d'arte livre, apparecendo, todavia, entre muitas coisas bizzarras, algumas d'um certo cunho.

E' de justiça destacar os



A moda em 1910
(Esculpturas humoristicas
de Emmerico Nunes)



Tambem o sr. Emmerico Nunes apresenta um grande numero de quadros, desde os retratos ás paysagens, de França, de Inglaterra, da Hollanda, da nossa Extremadura e Alemejo.

Os outros expositores são os srs. Alberto Cardoso que apresenta curiosas *pochades*, Roberto Colin, com tres quadros, Manuel Bentes que pinta paysagens alemtejanas e trechos da Hollanda e da Suissa, Domingos Rebello com uma tela *A velha açoreana*, Francisco Cabral e Francisco Smith com algumas naturezas mortas.

O publico tem afluído ao salão da artistica photographia a analysar os trabalhos d'esses novos artistas.



1—Retrato por Domingos Rebello

2—Cabeça de Italiana por Francisco Cabral

(Elleés de Benollel)

trabalhos do sr Emmerico Nunes sobretudo na parte relativa ás caricaturas.

Ha n'este artista que apparece uma grande observação. As figuras surgem com os seus traços caricaturaes mas debaixo d'elles descobre-se que ha realmente naturalidade e isso marca-se tambem no movimento que lhes imprime e que é sempre tão difficil de tornar exacto. Apresenta, pois, caricaturas de costumes portuguezes, ridiculos da sociedade, cousas espirituosas que nos prendem a attenção e mostram como o artista é bem dotado para esse genero de trabalhos.

Entre elles destacam-se *O chá em casa das Pires*, *O carro do Chora*, *Moços fidalgos e moços de esquina* e outras bem graciosas composições.



4. COMEMORAÇÃO DO CÊRCO
DE CAMPO MAIOR.



Começou em 8 de março de 1811 o assedio de Campo Maior. As tropas do barão Girard destacadas do exercito de Mortier, então em Badajoz, chegaram e o seu commandante ordenava ao governador José Joaquim Talaya que se rendesse. O bravo official portuguez recusou e dentro em pouco a villa estava cercada por quatro a cinco mil homens. O proprio Mortier escreveu ao chefe portuguez que continuou a negar-se á rendição. A artilharia franceza entrou a ralhar; cahiram trezentos e oitenta e oito projecteis na praça que lhe abriam largas brechas e causaram muitas victimas. Os milicianos de Portalegre mostravam má vontade; a artilharia da fortaleza estava desmontada; tornava-se impossivel a resistencia e Talaya capitulou nas mais honrosas condições sah'ndo com toda a sua guarnição do reducto. Foi este acontecimento que se celebrou em 22 de março ultimo n'aquella villa.



1—O castello 2—A lapide collocada no Castello
3—Um aspecto da cerimonia na entrada da Camara Municipal

